

Na minha casa, todo mundo trabalha junto e misturado!

Clarissa Nascimento Duarte
Vera Lúcia Costa Westin



Na minha casa, todo mundo trabalha junto e misturado!

Clarissa Nascimento Duarte
Vera Lúcia Costa Westin

Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro | 2017



NOTA DE ABERTURA

Quando alguém nos conta sua história, temos a oportunidade de conhecer outras realidades, sair do nosso mundo e aprender coisas novas! Ser criança é também isso: ouvir histórias e, logo, mergulhar num mundo novo, imaginar as cenas, soltar perguntas!

Os livretos que acompanham o livro *Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra*, como as sementes de uma flor dente-de-leão, foram feitos para voar e alcançar crianças em todos os lugares, os pensados e os não pensados... Se este livreto chegou até suas mãos é porque você quer alcançar outros mundos, saber mais, entender coisas que ainda não entende...

Convidamos você a virar a página, desfrutar a leitura, usar a imaginação, perguntar o que precisar, para que possa terminar essa viagem de exploração com mais conhecimentos.

Ana Paula Salej Gomes

Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas

Fundação João Pinheiro

Como é o dia a dia na sua casa?

Eliete é agricultora e coordenadora geral do sindicato dos agricultores familiares da cidade onde mora. É casada e mãe da Maria, do José e do João. Ela conta como é a vida e a rotina de trabalho no sítio da família:

“Desde pequena, trabalhei na roça. Estudava de manhã na escola rural próxima. Depois da aula, no sítio onde morávamos, fazia comida e cuidava da casa. Depois, junto com meu irmão, tratava das criações e da horta. Eu aprendi também a costurar com minha mãe e a fazer crochê, esses trabalhos manuais que, na roça, geralmente toda moça aprende a fazer. Quando fiquei maiorzinha, parei de estudar, porque não tinha mais escola rural com as séries finais do ensino fundamental perto de casa e não tinha transporte para as escolas na cidade. Fiquei muito triste por isso. Eu tinha um desejo muito forte de continuar os estudos, mas não tinha outro jeito para mim que era menina. Meu irmão continuou a estudar, pegando carona para a cidade, mas meus pais ficaram com medo de deixar a filha menina fazer o mesmo. Fui, então, trabalhar na lavoura de café com eles.

Por que será que os pais da Eliete não deixaram que ela continuasse os estudos?

Trabalhando na terra, eu aprendi a amar a vida na roça e sempre pensava: – Gente, eu jamais poderia viver na cidade! Então, quando cresci, casei e continuei trabalhando com a terra no sítio

do meu marido, mexendo com horta, com galinhas, com plantas, pra vender na feira.

6

O dia a dia da gente, aqui, geralmente começa cedo. Cinco horas da manhã, a gente levanta e o meu marido vai tirar leite no curral. No dia que ele vai 'trocar dia' com os vizinhos, eu faço comida cedo para ele levar marmitta. Trocar dia é assim: num dia, todos vão para o sítio de um vizinho para capinar, plantar, fazer o que tem que ser feito; noutro dia, eles vêm no nosso sítio pra fazer as mesmas coisas aqui; noutro dia, vão pro sítio de outro vizinho. É um mutirão em que todos ajudam todos. Na época da 'panha' de café, vamos nós dois pra lavoura. Agora, capinar fora do sítio, eu nunca fui. Ele tira leite, eu faço comida. É uma troca, uma cooperação.

Será que o dinheiro da feira aos sábados não iria fazer diferença para a família de Eliete?

Meu marido – e também meus filhos, quando foram crescendo – sempre dividiram os trabalhos dentro de casa comigo. Mas as coisas mudaram um pouco desde que eu comecei a trabalhar no sindicato. Meu tempo pra dedicar à horta e fazer comida foi apertando. Aí, o meu filho mais novo nasceu e terminou de complicar tudo. Eu não estava dando conta de fazer as coisas pra vender, ajudar a cuidar da horta e ir para a feira aos sábados. A família percebeu, então, que eu tinha muitas tarefas e passaram a assumir mais coisas dentro de casa. Agora, todos ajudam a fazer o almoço: um busca verdura, o outro corta. Da mesma forma que a gente junta pra almoçar, a gente junta pra cozinhar e lavar vasilha.

A única coisa que eu não faço é tirar leite. E o meu marido, eu acho que a única coisa que ele nunca fez, até hoje, foi lavar roupa. Ele até já pôs roupa no varal, mas lavar ele nunca lavou. Mas isso não tem problema! Tem sempre alguma coisa que a gente não gosta de fazer. Por exemplo, lá na casa da minha vizinha, quem faz o almoço é o marido dela, porque ela não gosta muito de cozinhar. Ela faz outras coisas, como trabalhar na horta, enquanto ele prepara as refeições.

7

Aqui em casa, todo mundo trabalha junto e misturado! As tarefas são responsabilidades de todos. Então, quem está com um tempinho livre chega e faz. Não tem disso da mulher ter que fazer comida simplesmente porque na maioria das casas costuma ser assim. Se eu estou ocupada, ele faz comida. Até o José Emanuel, meu menino do meio, já cozinha. Nas quitandas, meu marido sempre está junto também, quando não está ocupado no curral ou na lavoura de café. Quem acaba cá, ajuda o de lá; quem acaba lá, ajuda o de cá. Entre nós quatro é sempre assim, já que o João ainda não tem idade para participar como os outros.

Infelizmente, aqui em casa é um caso raro. No geral, são poucas as casas em que a mulher não fica sobrecarregada com o trabalho de casa, chamado trabalho doméstico ou trabalho reprodutivo. Tem muita casa aqui perto que até lenha são as mulheres que cortam. E olha que cortar lenha é um serviço

pesado! Homem não corta, não busca, deixa tudo por conta da mulher. Ela trabalha na roça e tem que fazer todo o serviço da casa, mais rachar lenha e carregar pra cozinha. A rotina da maioria das mulheres é assim: levantam cedo, fazem marmitta, vão junto com o marido trabalhar na roça e, quando chegam em casa, continuam a trabalhar, enquanto o marido descansa. Na roça, trabalham o dia inteiro os dois juntos, o marido e a esposa. Mas, quando chega em casa, ela, sozinha, tem a cozinha pra arrumar, a janta pra fazer, menino pra dar banho, roupa pra lavar... E faz isso à noite, né? De madrugada. Os maridos chegam em casa, tomam um banho e vão ver televisão. Isso é muito comum por aqui. O trabalho doméstico não é dividido. Então, a mulher trabalha dobrado!

Apesar disso, os homens ainda falam que as mulheres não trabalham ou que elas apenas ajudam na lavoura... Pra eles, têm nome de trabalho as atividades que eles desenvolvem fora da casa e que geram produtos para venda. Porém, tudo o que dá condições para eles, produzirem e vender seus produtos, administrar a propriedade, que é o trabalho doméstico, os homens não acham que é trabalho. Além disso, marido e mulher vão pra roça, plantam o café, colhem o café e é considerado que a mulher só 'ajuda'? Quando se fala 'ajudar', dá a impressão de que o esforço feito por ela não é essencial, o que não é verdade. Essas palavras importam. E as mulheres estão tão acostumadas

a ser submissas, que, às vezes, trabalham até muito mais do que o homem, mesmo na roça, mas falam: '– eu ajudo ele'. E chegam ao ponto de pedir dinheiro pros maridos, porque consideram que o dinheiro é deles, embora eles não sejam os únicos a enfrentar a labuta na roça. É reconhecido assim: o trabalho da lavoura é do homem e é o trabalho que dá dinheiro e o trabalho da mulher é o de casa que não é considerado trabalho.

Acho que só pude educar meus filhos de um jeito diferente e dividir com meu marido tanto as tarefas como o dinheiro da família, porque sempre meus pais me ensinaram a colaborar em casa e a ser independente. E porque eu já participava de muitas reuniões e encontros desde antes do sindicato. O trabalho na Igreja, nas Comunidades Eclesiais de Base, junto com a minha mãe, abriu minha cabeça para essas questões. Então, acho estranho que, na maioria das casas, não tenha a mesma cooperação."

A Eliete falou muito bem sobre essa situação do trabalho da mulher em casa e na roça. Você acha que isso é uma coisa natural, normal? É preciso conversar sobre esse assunto, porque é algo muito injusto! Será que as pessoas acham que mulher é feita de "material" diferente dos homens? Que elas não se cansam? Você não acha estranho filhos e maridos virem as mulheres da família na labuta, sem descanso, e nem

se darem conta que as tarefas da casa também são responsabilidade deles?

10

A família da Eliete é um tanto diferente, de um jeito que outras famílias deveriam ser também. Ser companheiro e ajudar em qualquer tarefa para que todos estejam bem, hoje, parece estranho, mas, no futuro, será o objetivo de todos. Ou vai ter que ser, porque as mulheres não vão aceitar isso para sempre. E, assim, todos serão pessoas melhores e vão conseguir realizar mais coisas.

Chega mais longe quem trabalha junto!





Realização



SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO



Apoio



Produção vídeos

